

Entrevista A11

I – Experiência no lar

Há quanto tempo trabalha no lar?

Exactamente desde de Outubro de 2004.

Qual é a sua função no lar?

Ajudante de lar e centro de dia.

Que tarefas desempenha no seu dia-a-dia?

A nível de cuidados de higiene do idoso, ajuda a dar alimentação a quem necessita, dar alimentação a quem necessita, dar alimentação à boca. É por aí, é tratar directamente com os idosos.

Que dificuldades encontra no seu trabalho com os idosos no seu dia-a-dia?

Problemas no meu trabalho com eles? A relação com eles é mais ao nível daquelas pessoas mais problemáticas. Mas sinceramente, aqui é mesmo com essas pessoas mais problemáticas de feitio, digamos assim, não tenho grande tipo de problemas com eles. Logicamente há um problema, que é, que para mim não é um problema, mas pronto entendo perfeitamente as pessoas. É eu chegar ao pé de uma senhora de 80 ou 90 anos que só teve um homem na vida, marido e eu dizer que tem que se despir, para eu lhe dar banho. É complicado porque há pessoas que não aceitam e eu tenho de entender isso, tenho mesmo que entender isso, por que não tenho outra hipótese. O meu problema maior será esse.

O que o surpreendeu de forma positiva quando começou a trabalhar com idosos?

Em relação àquelas pessoas que estão com as faculdades boas, sem aquelas doenças todas... Alzheimer e Parkinson... que ainda estão bem com 80 e 90, e que ainda se vão rindo, ainda vão tendo alegria. Contava que fossem mais fechados, completamente diferentes.

O que o surpreendeu de forma negativa?

O abandono de alguns, não todos. É lógico mais o abandono e a tristeza. Nota-se mais isto, todos os dias, se pararmos um bocadinho todos os dias... o que é difícil... notamos que há pessoas tristes. Nota-se mais nas alturas de festas, mas mais no natal, há pessoas que têm família, que não têm família directa, caso que não têm filhos nem filhas, não têm cônjuge, mas têm sobrinhos e moram aqui perto. Um caso no bloco A, que este ano aquela a mim ficou-me cá gravada, que foi uma senhora veio para a parte da galeria, no dia 24 e ficou à espera do sobrinho o dia todo e ele não apareceu. E estava a contar com ele. Eles vêm sair aquelas pessoas... passam aquele dia fora, é um dia ou uma noite... e ficam mais tristes ainda.

Que qualidades são necessárias para se trabalhar com idosos? Porquê?

Eu acho que a parte mais importante no curso é a parte da psicologia. Porque na parte da psicologia, ajudou-me a entender melhor eles em si. Saber entender e saber ouvir.

II – Caracterização da velhice

O que é que para si melhor define a velhice?

O início do fim da vida.

Na sua perspectiva, quando é que uma pessoa pode ser considerada idosa?

Depende da cabeça dela. Há pessoas aqui, que está uma senhora aqui com 94 anos, que se calhar tem uma mentalidade mais nova, que pessoas deste lado com 70-80 tal. Não podemos limitar que tu a partir dos 60 anos és idoso.

Quais as principais mudanças que acontecem quando se fica velho?

A maior dificuldade é superar a perda do cônjuge. Há mais perdas a nível de mobilidade, a nível da alimentação, a perda a nível de saúde, pois é mais normal uma pessoa mais velha ficar mais doente que uma pessoa nova. É uma questão de perda. Mesmo uma pessoa que não esteja no lar, que esteja numa casa com dois lances de escadas, com uma fractura no cólon do fémur, vive sozinha. Essa pessoa já não tem aquela coisa de andar a subir e a descer as escadas. Em vez de vir 3 ou 4 vezes à rua conversar com as pessoas e os vizinhos. Deixam de ter vida social. Falamos pela maioria. Nos meios maiores nota-se mais isso.

Para si, que benefícios ou vantagens traz a velhice?

Saber e conhecimento. Quando tem cabelos brancos, já viram muito e já sabem muito.

E que problemas ou inconvenientes traz?

Ficam chatos, muito chatos. Diz-se que quando se é velho se torna menino. As crianças necessitam muito do pai e da mãe. Eles aqui podem não necessitar do pai e da mãe, precisam dos cuidados, vão precisar das pessoas.

Acha que os idosos constituem um problema para a sociedade? Porquê?

Eu penso que não. Penso que deve ser entendido, como uma coisa boa. Sempre que a pessoa tenha certas condições, quando tenha dinheiro. O dinheiro faz muito jeito, condições em casa, tenha saúde.

Na sua perspectiva, a velhice é vista como algo positivo ou negativo? Porquê?

Eu vejo como algo positivo. A gente cria afecto com eles, quer se queira quer não, vive-se com uma pessoa de 20 acabas por criar um afecto, se vives com uma de 30 crias outro. E vem a partir daí, uma pessoa cria-lhe afecto. Eu acho importante essas coisas, estarmos com uma pessoa muito tempo, acabamos por conhecer a pessoa, acabamos por saber quando ela está mal ou está bem. Não é preciso nos dizer, um sinal e nós vemos isso.

Para si, as pessoas idosas têm necessidades específicas? Quais?

Têm necessidade no auxílio naquilo que a gente faz naturalmente: no lavar, vestir, própria alimentação, nos cuidados da higiene. Porque acabam por começar a ser na própria casa deles, acabam por ser desleixados. Quando eu digo higiene, higiene da própria pessoa e do espaço em si. Porque o espaço em si também é importante, não estando em boas condições de higiene, também pode ser um foco de doenças, que é mesmo assim. A morte do cônjuge é muito importante, porque têm necessidade do carinho. Porque os filhos, os sobrinhos, estão a viver longe já não quer ou já não podem, e as pessoas começam a ter mais necessidade.

De que forma podem os idosos contribuir para a sociedade?

Serem mais activos. Porque há pessoas que se a gente os puséssemos a fazer certas coisas que faziam, há outros que já não. Fazê-los sentir úteis.

Como podem participar na sociedade?

Um exemplo que eu acho que é para mim importante, porque eu moro num meio cada vez mais envelhecido. Eles são uns óptimos contadores de histórias, mesmo de histórias da vida deles. Logicamente eu falo mais com homens, há homens que gostam de partilhar a guerra do ultramar. Eu não a vivi, eu já nasci depois de 74, não a vivi. Não uma coisa, uma história bonita com um fim bonito e a princesa casou com o príncipe, mas acho que são uns óptimos contadores de histórias. Porque não levá-los, fazer um ensaio e levá-los a um infantário a contar uma história aos miúdos? Era uma coisa

simples. Porque não agarrar num combatente, numa escola secundária, que estejam numa aula de história e estejam a debater a temática sobre o 25 de Abril 74, sobre a revolução dos cravos. Levá-lo lá e dizer o que aconteceu na altura. Não impingir o professor, porque a malta até nem atina com o professor, uma pessoa nova. Porque não agarrar no idoso do ultramar, estejam a falar na guerra do ultramar, “Conte-la a sua experiencia”, por que não? Eu acho que era uma coisa simples, não era cara, vir aqui buscar uma pessoa, qualquer professor tem um carro por 5 ou 10 euros, daqui à escola Feitor Pinto, são 5 ou 10 minutos. Era uma coisa ótima! Ótima para os alunos, para os miúdos e ótimas para as pessoas. Saíam deste ambiente, com pessoas novas, iam lá falar um bocadinho da própria vida deles e era bom para toda a gente. Eu entendo as coisas assim.

O que poderia ser feito para melhorar a qualidade de vida dos idosos?

Em termos gerais, muito importante também, pelo caso que tenho em casa, que vivo com o meu pai, mais condições financeiras. Aqui na cidade da Covilhã, já tem é que dão oportunidade de participar em passeios, passeios turísticos, também é bom. Lá está, fazendo-os participar na vida social.

O que entende por dependência?

Necessitar, necessidade. A nível total ou a nível parcial.

III – Caracterização dos utentes

Na sua perspectiva, como descreve os utentes deste lar? Caracterize-os.

São porreiros, a maioria são porreiros, há-os aí chatos e há aqueles que a gente não pode olhar para eles. Vem da tal experiência anterior deles, das vidas que viveram e agora aqui ainda pensam que estão a viver essa vida. Torna-se muito complicado para quem está cá a trabalhar com eles.

Quais as principais qualidades dos utentes?

Não são todos, porque se formos a ver aqueles casos complicados, nós quase não há aqui gente que consiga lidar com eles. Mas agora se formos a ver as qualidades maiores, há aqueles que são afáveis, que sabem reconhecer o trabalho que nós aqui temos. Acabamos por interagir com os familiares e eles depois dizem aos familiares de uma maneira ou outra, não todos, acabam por nos agradecer e dizer: “Nós damos-vos muito valor, porque está a tratar do meu pai, está a tratar da minha mãe, da minha sogra...”. Eu acho que acabam por ser afáveis, porque reconhecem: “Porque nós estamos aqui tão bem como nunca estiveram até agora”.

Na sua opinião, quais as principais necessidades dos utentes do lar?

A mais importante e principal deles é: mais funcionários e porquê? Eu hoje deixei o último utente levantado às 12:22 e se fosse o meu pai eu não ia gostar. Já tinha comido entretanto, que as minhas colegas têm essa preocupação, vão lhe a dar de comer à cama. Fazem-lhe a papinha ou o que seja o que comam, desde que as pessoas, vai-se dar à cama, mais tipo uma cerelac, às pessoas que são insulino-dependentes, diabéticos. Neste momento aqui a questão mais importante é mais funcionários e porquê? Para não acontecer, o mesmo que aconteceu hoje, que eles estão aqui a contrariar uma portaria que saiu em 1998, que dava conta de ser um funcionário por cada 8 utentes. Haver como há aqui neste piso, uma pessoa, pelo menos uma pessoa acamada, temos uma pessoa, um funcionário por cada 5. Aqui temos 22 utentes, a portaria é 1 por cada 8. Nós temos 2 pessoas por 22 pessoas.

Que actividades realizam os idosos no lar?

Que actividades realizam os idosos fora do lar?

Para além de comerem, de beberem e de dormirem, têm uma animadora. No outro bloco têm uma moça que vem fazer umas actividades com eles. Já tiveram também, duas viagens em que tiveram 5 dias no Inatel de Oeiras. Que tem o meio lindíssimo, que tem praia ali perto, aquela avenida, o paredão, aquilo é grande, dá para andar. Tiveram uma viagem a Fátima, que é uma coisa também muito importante, que não tinha ainda referido, quando acontece a morte do cônjuge, estas pessoas mais velhas que nós,

agarram-se muito às coisas da igreja, foi nesse sentido que eles foram a Fátima. E agora têm aí outro passeio programado.

Como define a sua relação com os utentes do lar?

É uma boa relação.

Quais são as os problemas e dificuldades dos utentes do lar?

Os utentes do lar também sentem que é pouco pessoal para tanta gente. Ultimamente, tem havido bastantes reclamações a nível da alimentação, porque há pouco tempo houve uma troca de cozinheiro, para pior segundo eles e eles têm-se queixado. E passa por aí.

IV – O papel da família

Para si, qual é o papel da família em relação aos seus idosos?

Eu se fosse o director desta casa, declarava um regulamento interno, para ser cumprido escrupulosamente, uma visita dum familiar directo, mais próximo aqui do lar, de uma visita pelo menos uma vez por semana. Porque eles deviam ter isso, porque se são filhos, os pais acabaram por lutar por eles, e agora, não todos, agarram e vem aqui os despejar. Há pessoas que chegam a estar meses e meses, sem uma única visita do filho, da filha, da nora ou do genro. O papel da família devia ser estar muito mais presente. Com alguns.

De modo geral, com que frequência os familiares visitam os idosos no lar?

De todos, de 15 em 15 dias. Há pessoas que vêm todos os dias. Isto aqui é tipo uma média, se não vem o filho, vem a filha, se não vem a filha, vem a nora ou o genro. Mas têm sempre acompanhamento o dia todo. Há outro tipo de acompanhamento que é não vindo, telefonar. Também ajuda, não é igual, porque não se vê a pessoa, mas acaba por ajudar. Mas vendo a pessoa, fazemos uma média de duas semanas. É muito pouco.

Os familiares podem participar nas actividades organizadas pelo lar para os idosos?

Têm uma situação que podem cá vir fazer uma refeição com o familiar. Fazem cá também uma sardinhada, que eles podem cá vir, onde pagam uma inscrição.

Se sim, com que frequência eles participam?

Pouco.